

Uma certa Évora

Queria começar por vos dizer que quando preparei esta intervenção não sabia muito bem ao que ia. Afinal tratava-se da primeira jornada, e estas viagens inaugurais, apesar da experiência dos navegadores, têm sempre o seu “quê” de aventura. Não sabia quem seria o público, quantos resistiriam até à hora em que comunicaria, enfim, as incertezas de quem ensina consciente de que um dos princípios é o de que se está ensinar alguém de quem se conhece, mais ou menos, um determinado perfil ou algum interesse em particular. Poderíamos estar aqui hoje porque fomos chamados a participar num evento de uma instituição para a qual trabalhamos; ou porque conhecemos e gostamos (ou não) dos oradores que o programa nos oferece; porque o tema geral da jornada nos interessa; porque gostamos de ter connosco estudiosos de outras áreas científicas que, afinal, só nos enriquecem com a sua ciência e mundividência; ou porque a nossa colega e professora Eunice Cabral está a ser homenageada neste novo momento da sua vida profissional com forte impacto na sua vida pessoal; ou ainda, poderíamos estar aqui, e a primeira pessoa do plural é retórica, porque nos mandaram estar e assinar uma folha de presenças. Qualquer que seja o motivo ou a intenção, agradeço-vos, a uns terem-me incluído no programa e a todos por terem ficado aqui para me ouvirem falar, talvez até ao fim, de uma certa Évora.

O tempo e o espaço são, sabemos-lo todos, categorias da narrativa também literária. Mas são, antes de mais, e quando do princípio do verbo, aquilo que nos coloca, a nós pessoas numa realidade, como coloca personagens e obras, artísticas ou funcionais no seu universo textual. Ao tempo, também já todos sabemos, não conseguimos escapar. Já o espaço onde estamos, e não sem algum aventureirismo que certas pessoas conseguem ter, pode ser este ou outro. Mais, nalguns casos o espaço pode ser este e ser transformado noutro.

Não há pois, para mim, um espaço certo, mas um certo espaço. Já o tempo, esse, certinho como os ciclos da lua, da terra e do sol, já só lhe peço que seja o acertado. Um desejo muito meu.

Quando soube que o tema da jornada era «Identidade, Memória e Futuro» confesso-vos que fiquei contente e perdoem-me que vos faça perder um pouco do vosso tempo a explicar-me. É que depois de quatro anos afastada da vida universitária e académica, sobretudo da académica, em que saí da universidade para a cidade, em funções políticas, eu poderia ainda assim apresentar à academia um conjunto de ideias, construídas a partir de uma realidade que quantas vezes embrenhados nos livros e no nosso pequeno e intenso mundo de uma determinada área de saber, no meu caso a literatura e a leitura, não conhecemos e que é a cidade em que vivemos, trabalhamos ou estudamos, para alguns até a sua cidade natal. Mas confesso mais, confesso-vos que estes três conceitos – identidade, memória e futuro – me parecem encaixar-se perfeitamente e constituir uma linha condutora do trabalho a realizar em várias áreas científicas das humanidades (onde incluo, sei que sem precisão e com polémica, as sociais e as artísticas). Ou seja, estes conceitos, quanto a mim agregadores, poderiam ser A Escola da Universidade de Évora. E digo-o não numa perspetiva redutora, já que a partir deste núcleo outros satélites poderiam definir-se e pôr-se a girar tanto na investigação como na docência.

É um lugar-comum identificar Évora com o próprio conceito de Património. Talvez por ser o único centro histórico, de dimensão considerável e tão habitado, que recebeu a classificação da Unesco, instituição que traz o prestígio que outras instituições têm de ocupar-se em gerir e cuidar. E Património é também, em meu entender, o somatório precisamente destes três conceitos: identidade, memória, futuro. Este Lugar cruza-se então com o Tempo para se definir e dar a viver. Vivenciar Évora é testemunhar, de forma mais ou menos

distraída, a sua identidade, a sua memória e fazer parte de uma marca que a perpetue assim no futuro.

Foi o que muitos artistas de várias artes fizeram quando “leram” Évora, escreveram sobre ou representaram Évora e nos deixaram as suas “narrativas”. Sendo a Jornada de hoje da Linguística e da Literatura, e a área onde me movo mais confortavelmente, a da promoção do livro e da leitura, é de textos, em português, que vos direi algumas coisas. Essas “coisas” são aquilo que defini como sinapses entre Évora, o texto que nos deu a ler Évora e, claro, a minha leitura com este guião predefinido. Uma estrutura de três células, cuja célula mãe é Évora e a mais inexperiente eu própria nesta comunicação. É uma estrutura disponível, a possível. Porque a obra não vive toda a sua plenitude sem essa outra instância do sistema comunicacional também literário, e que é o leitor, princípio que partilho com outros entre os quais aquele que mais frequentei, Hans Robert Jauss. Mas adiante, que esta não é uma aula de Literatura, antes uma conversa sobre textos e literatura e Évora e leitura, num certo lugar de Évora.

São muitos os testemunhos sobre esta Cidade em texto: mais ou menos poéticos com as liberdades de autor ou os preceitos ou preceitas da época que os vê nascer, outros mais ou menos históricos ou documentais. Os excertos que vos trago hoje aqui são apenas uma ínfima parte desses que testemunham Évora como tema para versos ou prosa¹.

Vou ler-vos e falar-vos brevemente de sete textos. A cada um deles fiz corresponder um título meu, em que a Cidade se junta ou ao que leio do autor

¹ Uma palavra de referência aos serviços municipais do Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora, em especial à sua responsável Dra. Ludovina Grilo, pela recolha de textos sobre Évora que utilizei e que foram lidos em roda de leitura na Feira do Livro de 2012. A compilação está disponível em <http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/50E9CD62-68C0-4CC4-82FE-D851E31599AD/81830/evoranaliteraturajul2013.pdf>.

ou ao que leio naquele excerto, daquela obra, daquele autor. Os autores são, por esta ordem, Camões, Torga, Eça de Queiroz, Vergílio Ferreira, Fialho de Almeida, Gilberto Freyre e Manuel Alegre. O tempo, como se aperceberam, não é o de Cronos. É o das minhas sinapses, bem entendido. E as minhas sinapses, não sei se químicas se elétricas, são um composto da escolha daqueles textos com os títulos que atribuirei aos excertos mais as breves reflexões que farei sobre os mesmos. Estas são as sinapses que ligarão as três células: Évora, o texto, a leitura. Também poderia ensaiar essa outra correspondência: identidade, memória, futuro. Mas não o farei por agora, talvez noutra ocasião. Começemos então.

Primeira sinapse: o mito.

“Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sustentar de longo a terra e a gente,
Pelos arcos reais que, cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.”

Luís de Camões, *Os Lusíadas* – Canto III, estrofe 63.

A história e as histórias, o aqueduto das águas de prata, obra do arquiteto Francisco Arruda, a personagem do Giraldo. É assim que Camões põe Évora no seu mapa épico. Do quase nada que se sabe ao certo da vida do poeta, é pouco provável que tenha estado alguma vez em Évora e, no entanto, não se coíbe de a destacar, pela voz do narrador da história de Portugal, Vasco da Gama.

Como todos falam de Camões e muito poucos o leram com a devida atenção, há também uma certa Évora de que muitos falam sem, de facto, a conhecerem. Até as duas razões oficiais para a sua classificação como Património da Humanidade, que fez ontem 27 anos, são desconhecidas da grande maioria dos que, ainda assim, sabem que é Património da Humanidade. Tal como a insistência, afetiva suponho, em chamar de Diana o templo romano. E estes são detalhes que se prendem com a projeção de Évora para os outros, os que não são de cá ou que cá só vêm de visita uma vez por outra. A distância desculpa essas falhas que, em abono da verdade, não tiram a Évora nem um pedacinho do seu valor, pelo contrário acrescentam-lhe o valor do mito (como o de Camões que todos conhecem através da narrativa que em torno dele se foi construindo e o vai perpetuando).

Defino o mito, neste contexto, como uma representação simplista e sem rigor factual, geralmente admitida por todos os membros de um determinado grupo.

E, como tal, infiro que sobre o mesmo objeto possam existir vários mitos, até contraditórios entre si. Estamos no domínio dos afetos e das paixões que cada grupo transmitirá, com intenções e alcances variáveis, aproveitando-se de uma realidade factual pouco divulgada, por vezes por razões de incertezas objetivas, noutras vezes para alimentar um interesse particular. Se nalguns casos os mitos valorizam o que é mitificado, noutros valorizam quem contribui para essa narrativa simplista e sem rigor factual, normalmente dita com a convicção da verdade absoluta que, como todos sabemos aqui nesta sala, estamos longe de alcançar na sua pureza e finitude.

Mas na Évora de Camões d' *Os Lusíadas* há sobretudo futuro. É o destaque dado ao aqueduto, com os seus 19 quilómetros, que todos hoje apreciamos mais pela monumentalidade e testemunho histórico conservado, mas que de facto, ao tempo de Camões representava a evolução do conhecimento, já que é a mais importante estrutura hidráulica construída em Portugal durante o século XVI, um dos símbolos do apogeu de Évora como segunda cidade da Corte. Como se informa em folheto municipal, «após duas tentativas inconsequentes, ocorridas nos reinados de D. João II e D. Manuel I, a sua conclusão permitiu minimizar o grave e recorrente problema de falta de água na cidade, sobretudo durante os meses de Verão.» Como a temática é atual, já que há pouco menos de 10 anos voltámos a ter em Évora uma solução que veio suprir essas mesmas faltas de água, decorrentes de um sistema antigo, de finais do século XIX, melhorado na década de 30 do século XX, com a rede de distribuição de água ao domicílio. Sem a monumentalidade de um aqueduto, já que o sistema corre agora invisível debaixo da terra, os eborenses em pouco menos de 10 anos já esqueceram o difícil que era ter água em Évora no Verão. Há narrativas que deviam ser repetidas, ritualmente, para que se não esquecesse o seu contexto inicial...

Comecei por usar Camões como uma espécie de recurso de credibilidade para legitimar uma certa visão no tempo sobre Évora: a que faz dela também um mito, com repercussões externas mas, sobretudo as mais preocupantes, internas. Se a nossa identidade se define também pela alteridade, como não sermos, os de cá, afetados pelo que os de lá, de fora ou do passado, imaginam, no sentido mesmo de criar imagem, de nós? E se essa imagem vem tão carregada desse passado, pelo peso que tem na própria história da nacionalidade, como escapar ao imobilismo de viver à sombra dessa memória e fazer por também pertencer ao futuro, como ao tempo de Camões? Mas passemos a essa outra questão que é a de nos integrarmos, Évora e eborenses de vários tipos de costados, nesse outro espaço um pouco maior que o Alentejo e que é Portugal.

Segunda sinapse: o reconhecimento.

“Em Portugal há duas coisas grandes, pela força e pelo tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Trás-os-Montes é o ímpeto, a convulsão; o Alentejo, o fôlego, a extensão do alento. [...]

Aproveitando os incentivos do meio e os recursos do seu génio, o alentejano faz milagres. A própria paisagem sem relevo o estimula. Faltava ali o desenho e a arquitectura, que nas outras províncias existem na própria natureza. Pois bem: concebeu ele o desenho e a arquitectura. E, na mais rasa das planícies, ergueu essa flor de pedra e de luz que é Évora!”

Miguel Torga, “O Alentejo” in *Portugal*. Coimbra: [s.n.], 1950, pp. 113 e 118

A pedra e a luz definem Évora no discurso de Torga. Pedra e luz são elementos que chamam o tato e a visão, o tridimensional e o instante capturado. Évora é, neste excerto de Torga, uma escultura. E de Torga passo a outra Évora, a de Cutileiro. Impossível, sobretudo na paisagem cultural portuguesa (e mesmo em alguma além fronteiras) não ligar Évora a João Cutileiro, desta feita pela sugestão de Torga, sobre quem não me deterei, e invocando uma medalha comemorativa?

Se Évora é há 27 anos, oficialmente, a Cidade Património da Humanidade, Évora já era e será sempre a Cidade de João Cutileiro. Falar de Évora obriga-nos sempre a falar do Mestre. Cutileiro, entre mulheres, árvores e cavalos, esculpe na pedra e alinha na folha o perfil da Cidade onde, sem ornamento inútil de sinalética, reconhecemos de imediato Évora. Podia até não sê-lo, num trocar de voltas com que o seu espírito brincalhão, certo e não menos das vezes acutilante – o nome também o moldou - tantas vezes nos desafia. Mas o seu traço evoca imediatamente esse lugar, e um já não pode viver sem o outro, há que reconhece-lo.

Pedir a João Cutileiro que oferecesse a Évora por altura do 25º aniversário a medalha comemorativa da classificação da Unesco pareceu-nos, por isso, natural. Tal como a condição imposta pelo artista foi também ela natural – que a medalha assentasse em cubo de pedra. Também seria natural, mas correríamos sempre o risco de uma surpresa, que fosse redonda. Quem melhor do que ele para arredondar as coisas que saem das suas mãos? Faltava ainda ver o que nela esculpiria. Foi por isso emocionante ver no molde cor de tijolo a figura do cavaleiro, e perceber que a lenda do homem intrépido, o Geraldo já invocado por Camões, vindo de fora para aqui tentar sua sorte e acabando por ajudar à reconquista do território, permanece uma personagem inspiradora.

E se Évora é há 27 anos Património Mundial, Évora enquanto inspiração na paisagem nacional parece intemporal e, tal como a obra de arte que pelo tempo que permanece ditará se é ou não uma obra-prima, a relação de Évora com Cutileiro sê-lo-á para a história do Futuro, e muito para além desta medalha obviamente, que é no fundo, como qualquer um dos textos que aqui leio, uma marca, neste caso a do ano de 2011 nesta história de João Cutileiro com Évora, e como apenas em 2013 na sua história com a Universidade de Évora ou da Universidade de Évora com João Cutileiro. O reconhecimento, há que confessarmos, tardou.

Terceira sinapse: a vida pública.

Uma certa Évora é aquela da vida nas ruas, da que agora se chama animação, em particular do centro histórico, o lugar de todos os que vêm à Évora-Cidade. E também aqui assistimos, agora através de Eça de Queiroz, a uma revelação estonteante para qualquer intelectual praticante que deseje respirar em Évora a elevação da mais alta cultura que, ainda que democraticamente à disposição de todos não conseguirá nunca rivalizar com o evento popular em número de aderentes e efeitos no barómetro da folia. Oiçamos o Eça jornalista:

“Quem me diria nos meus primeiros anos, quando eu me reputava feliz em ir ao Rossio comprar um lanceiro de barro, uma farfalhuda primavera, em furtar algum ganchinho para meia, quando me extasiava ante um pretinho arvorado em paliteiro, que ainda havia de ter à minha disposição uma crónica para descrever, para *cantar*, a Feira de S. Brás!

Este ano² teve ela um terrível rival no passeio público; roubou-lhe muitos atractivos, muitos encantos! [...]

Embora venha o passeio disputar concorrência com ela, ela é a festa popular, ela é uma das mais queridas diversões da monotonia insuportável que pesa constantemente sobre o mundo eborense; ela perfaz por si só uma das tão raras épocas em que em Évora o homem conhece a mulher, em que vive com ela e perto dela, em que os dois sexos se confundem momentaneamente, em que se ri, em que se folga, em que se mostra por instantes a vivacidade aliás tão própria dos povos do Meio Dia.”

Eça de Queirós, “A Feira de S. Brás” in *O Distrito de Évora*, Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.], pp. 128-129

Não é tanto o formato ou a programação da Feira de São João, que Eça rebatiza pelo topónimo do seu recinto, que encanta o nosso autor, mas o efeito que esta tem nas pessoas. É que a vida pública de uma cidade é isto mesmo: é o que quem anda na rua, no espaço público, faz dele e dele se serve para suprir os seus prazeres da vida mundana. E a vida no espaço público está obviamente

² O ano seria o de 1867, ano da conclusão do Jardim Público.

condicionada à configuração desse espaço. É esta uma das razões por que os arquitetos do urbanismo são, ou deveriam ser, chamados quando se trata também de animar o espaço público. Jordi Borja³, geógrafo e urbanista que dirigiu programas de Máster em Gestão da Cidade na Universidade Aberta da Catalunha, autor de livros sobre espaço público, cidades e cidadania, partilha da opinião de que a principal infraestrutura económica de uma cidade são os cafés, os bares, os restaurantes, porque é nesses onde as pessoas falam, trocam informação, projetos, rumores, murmúrios.

Diz o urbanista que «A burguesia ascendente [do século XIX] necessita de um lugar onde se mostrar, onde se apresentar, onde se encontrar com ela mesma. Então fazem-se os passeios, as alamedas, as avenidas; inclusive em algumas cidades normaliza-se como se tem que ir vestido para passear: com paletó, jaqueta, etc. Ainda há em Barcelona alguns equipamentos culturais de gestão pública, como o Teatro da Opera, que antes obrigavam a ir com smoking; agora isto já se perdeu, mas no círculo onde se pode jantar, ainda se tem que ir de gravata. E isto não é porque se valorize ir de gravata, é uma medida de *exclusão social*. (...) não estranhemos que as políticas de espaço público que começam a ser desenvolvidas nas cidades europeias em finais do século XIX sejam políticas de embelezamento da cidade, monumentalização de certas partes da cidade. Há uma grande parte da cidade que ficará fora desta, às que inclusive não poderia chegar o transporte coletivo nem as infraestruturas de saneamento, entre outras.

A origem do espaço público é uma resposta classista ao processo de apropriação privada da cidade. Depois, como ocorreu em outros aspetos da vida social, por sorte, há um processo de, se quiserem, *democratização urbana* que é de progressiva apropriação social. (...) houve um processo de conquista democrática, às vezes ambíguo, porque em certas ocasiões se reclamava algo

³ Artigo disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/353>. O que cito está adaptado, uma vez que a tradução do artigo na revista eletrónica é pouco clara.

para encerrar-se sobre si mesmo [os espaços no bairro para que não tivessem de se deslocar ao centro]. (...) o espaço público comum entende-se como um espaço qualificante, que oferece distintas possibilidades às pessoas de estarem nele, e que além do mais *melhora a auto-estima dos cidadãos* porque os faz sentir que são tratados como os outros, como os da cidade mais formal, mais rica.»

A cidade mais animada será, então, o lugar que se perfila hoje, como no tempo de Eça, como aquele que cria espaços de intercâmbio. Da mesma maneira que nos teatros da ópera durante muito tempo no século XIX as luzes se mantinham acesas durante todo o espetáculo para as senhoras poderem mostrar as suas joias e os vestidos, também em Évora, como em qualquer outra cidade de pequena ou média dimensão, com ou sem Universidade, ver e ser-se visto é um requisito essencial.

Quarta sinapse: uma história do Indivíduo e da Humanidade.

“Évora é uma cidade branca como uma ermida. Convergem para ela os caminhos da planície como o rasto da esperança dos homens. E como a uma ermida, o que a habita é o silêncio dos séculos, do descampado em redor. Conheço, dos seus espectros, a vertigem das eras, a noite medieva mora ainda nas ruas que se escondem pelos cantos, nas pedras cor do tempo ouço um atropelo de vozes seculares. Vozes de população, gritos de condenados, eco de reis, senhores, estrépito de guerras, ódios e sonhos, sob a imobilidade dos mesmos astros. Como um cofre do tempo, a cidade ignora a exactidão do presente, conhece apenas o alarme da memória. As casas novas têm todas a mesma idade de séculos. E quando se sai da cidade, a planície prolonga, até a um limite irreal, esta voz de infinitude.”

Vergílio Ferreira, “Carta ao futuro” in *Vértice*, Revista de Cultura e Arte, nº. 180, Setembro de 1958, p. 457

Vergílio Ferreira, aquele que aprendeu a escrever com Eça de Queiroz e a pensar com André Malraux, é talvez dos que aqui viveram quem melhor sente Évora e a partilha com os seus leitores. É-lhe suficientemente estranho porque veio de fora, para ter uma visão distante, e seguramente domesticado em alguns sentidos, pelo tempo que aqui ficou, pelos afetos que criou e pela aparição que nela teve. Os Eborenses não saem muito bem no retrato que deles pinta. Resta-nos o consolo de que o resto do mundo também não, à luz de uma alma amargurada de escritor existencialista.

Aparição é o único dos seus romances de que conhece o porquê: o romance resulta de uma experiência que ele próprio fez, a da revelação dele a si mesmo, talvez aquilo a que afinal chamamos identidade. Évora proporcionou-lhe essa revelação.

Neste excerto que vos li estão lá, como em Évora, identidade, pela assertividade dos verbos que utiliza quase em modo imperativo, a memória, de forma literal e evocada numa sucessão de substantivos, e o futuro, ainda que este só no título do ensaio e numa referência à irrealidade de uma “voz de infinitude” que dela,

cidade, emana para cumprir uma espécie de mera existência sem limites, supondo que aqueles limites são os traçados pelo conhecimento, pela perspectiva, por um rumo certo ou acertado.

Há uma das frases que nos transporta até uma certa Évora de hoje que vive apenas a duas dimensões, a do passado que teima em ser presente e a da memória que perpetua, ou deseja perpetuar, esse passado. Repetirei essa frase no final desta comunicação, porque por si só explica, alertando talvez para um perigo que sentimos aqui, numa certa Évora, e que cabe ao Individuo poder fazer diferente, neste lugar que é da Humanidade. Com Vergílio Ferreira percebemos o que de facto significa o valor de um preceito, que aliás muito prezo, de que são as pessoas quem faz os lugares e não os lugares que fazem as pessoas, sendo aqui “fazer” um verbo que significa exatamente a ação que permite a construção da identidade. Um preceito que aplicamos ao indivíduo mas também ao coletivo, à vida própria e à de uma comunidade reunida em torno de algo em comum, sem tentações de uma generalização que não é possível, mas de tendências que me fazem falar de uma certa Évora, pela admissão de que existem outras “certas Évoras”.

Cito ainda, e para terminar esta sinapse, o Vergílio Ferreira de *Espaço do Invisível* de 1976, o segundo desta série de quatro ensaios:

«O existencialismo ergue o seu protesto, afirmando que o Homem é pessoalmente, individualmente, um valor; que a sua liberdade (em todas as suas dimensões e não apenas em algumas) é uma riqueza, uma necessidade estrutural de que não deve perder-se entre a trituração do dia-a-dia; e finalmente que, fixando o homem nos seus estritos limites, só por distração ou imbecilidade ou por crime se não vê ou não deixa ver que ao mesmo homem impende a tarefa ingente e grandiosa de se restabelecer em harmonia no mundo, para que em harmonia a sua vida lucidamente se realize desde o nascer ao morrer.»

Quinta sinapse: a encenação.

“Inscrições, túmulos, azulejos, ruínas escoradas no ar por um prodígio de cenografia trágica, lúgubres palácios d’átrios silenciosos, cubelos e muralhas de guerra sôbre que se debruçam arbustos de jardim – de tal maneira estas camadas de civilização se ensandwicham, comprimem, sobrepõem, que a cidade se me afigura, nêste meu vaguear à luz morrente, uma necropole museu de grande povo, aguardando o profeta que sobre ela desencadeie em versículos de fogo, o *dies irae* derradeiro.”

Fialho de Almeida, “Estancias de arte e de saudade”
in *Agenda Eborá*, 7º. Ano, 1941, p. 3

Sobre este alentejano da Cuba, de quem o CEL UÉ assinalou o centenário da morte em 2011 pouco direi, até porque a minha intervenção já vai longa, ainda me faltam dois testemunhos, e as atas do encontro de 2011, *Fialho de Almeida, Cem Anos Depois*, estão disponíveis para todos *online*⁴. Queria apenas partilhá-lo convosco porque leio neste excerto a expressão do que sentimos quando falamos do “peso” do passado, no seu sentido mais disfórico. Uma violenta descrição de uma certa Évora que não é senão passado à espera do fim, um acumular de feitos humanos que contrastam, possivelmente, com o mundo natural mais do agrado do autor. Lê-se nele o sentido da desesperança no Homem, quase um desejo de não-futuro.

Mas este é o sentimento de um inadaptado, de alguém a quem o rasto de uma vida pode incomodar tanto como viver a vida em si. E que mais não são os vestígios do passado, se não lhe encontrarmos o valor de contributos para a formação de uma identidade e matéria para melhor construir o futuro, senão peças a mais?

⁴ As atas deste encontro estão disponíveis em
<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12965208/fialho-de-almeida-cem-anos-depois-universidade-de-evora>

Sexta sinapse: a experiência.

Vejamos agora um testemunho do outro lado do oceano.

“Concordo com o Torga: a «monotonia» da paisagem do Alentejo é falsa. Verdadeira é a sua «riqueza de segredos». Quem quiser descobrir o que o Alentejo tem de grande na sua população e na sua natureza que venha até cá com os pés macios de um ladrão ou os disfarces subtis de um detective inglês.[...]

Tomando nota, em Évora, de documentos raros e de manuscritos preciosos e copiando de alguns, trechos sobre a matéria mais relacionada com os seus estudos, creio ter saído da velha Biblioteca, deixando nela um pouco de mim mesmo. Pois não há quem abandone um lugar amado de súbito, sem deixar aí um pouco da própria pessoa.

Quando saí da Biblioteca, a cidade estava escura: era quase noite e Évora à noite é ainda mais Évora do que durante o dia.”

Gilberto Freyre (1953) *Aventura e rotina*, 2ª. ed.

Lisboa: Livros do Brasil, s.d., pp. 84 e 88.

E aqui estão os textos que conversam com outros textos ou como Freyre parece ter dado uso, como roteiro de visita que é, àquele *Portugal* de 1950 por Torga. Um ver claramente visto, um comprovar pela experiência do que nos chegou em palavras e devolver essa nova experiência às palavras. É este um valor novo e importante da revisitação do já enunciado, um infindável olhar sobre o que permanecendo há séculos tem sempre aos novos olhos outras experiências a proporcionar.

E aproveito para vos desvendar também essa outra razão de ser da classificação de Évora como Património da Humanidade e que, nos justificará talvez porque se armou Gilberto Freyre de pés macios de ladrão para vir conhecê-la. Traduzo-vos o excerto da ata da Unesco de 1986: «O ICOMOS, depois de lembrar que a cidade de Évora tinha sido destacada por um grupo de peritos na lista das cidades históricas que poderiam ser inscritas no Património mundial, justifica a proposta do governo português pelo critério 4 e, acessoriamente, pelo critério

2. Critério 4. Évora é o melhor exemplo de cidade da idade de ouro portuguesa desde a destruição de Lisboa pelo terramoto de 1755. Critério 2. Só a paisagem urbana de Évora permite hoje compreender a influência exercida pela arquitetura portuguesa no Brasil, em lugares como Salvador da Bahia (inscrita em 1985 na Lista de Património Mundial).»

Como com muito orgulho tive por diversas vezes oportunidade de dizer a visitas, mais ou menos ilustres, de quem vinha do Brasil até Évora, que o Brasil também contribuiu para a atribuição da classificação de Património da Humanidade a Évora. De facto, esta projeção de Évora no Novo Mundo é, no meu entender, um fator fundamental na narrativa de autoconhecimento dos eborenses que infelizmente está, por muito estranho que pareça, pouco divulgada entre a população local.

É esta matricialidade cultural, que nos vem já de um passado reconhecido como importante, esta influência do que construímos como próprio da nossa identidade nos outros que, em meu entender, contribui para um caminho a prosseguir no futuro, ancorado numa memória que não podemos perder. Para tal, o caminho é ir mais além de onde nos levou a paisagem urbana de Évora, fazendo-a acompanhar de outras produções ou constructos, materiais ou imateriais, como aliás vamos conseguindo fazer em áreas tão populares como a gastronomia ou o cante. Repare-se que a arquitetura não monumental é também motivo para a classificação. Diz ainda a ata da Unesco que «o interesse cultural de Évora não se limita ao património monumental ligado aos acontecimentos históricos significativos e a iniciativas reais. Um conjunto de casas senhoriais antigas do séc. XVI (Casa Cordovil, Casa Garcia de Resende) são disso demonstrativas. Com efeito, a qualidade única da cidade deve-se à coerência de uma arquitectura menor, dos séc.s XVI, XVII e XVIII que se exprime globalmente num conjunto de casas térreas, brancas de cal, cobertas de telhas ou de terraços, apertadas ao longo de ruas estreitas que

seguem a estrutura medieval no núcleo antigo e ilustram o crescimento concêntrico até ao séc. XVII. A decoração de ferro forjado e de azulejos, esplêndida nos conventos e palácios, de um grande encanto nas habitações mais humildes, reforça a unidade fundamental de uma arquitectura perfeitamente adaptada ao clima e ao sítio.»⁵

Fator sem dúvida impulsionador da nossa imagem para fora, como a nossa colega Professora Noemi Marujo já teve a oportunidade de divulgar e que nos trará aqui seguramente testemunho disso mesmo, a classificação deve transformar-se na descoberta, até por parte dos próprios eborenses, na oportunidade de dar a descobrir outros e muitos tesouros.

⁵ Transcrição da ata em <http://www.cm-evora.pt/NR/rdonlyres/9A95DE08-6953-4211-BB3E-6FFD1A92DDB9/24428/Declara%C3%A7%C3%A3odeValordoCHEUNESCO1986.pdf>

Sétima sinapse: em direto.

Termino, rapidamente, com Manuel Alegre, um nosso contemporâneo, aquele que para mim é também o ex-futuro-atual Presidente da República, já que fui mandatária concelhia da sua candidatura em 2011.

Irei a Évora

Irei a Évora descobrir o branco
A ogiva o arco a rosácea a nave
A praça como pátio
O pátio como praça
Nada destrói a intimidade
Da sua humana geometria.
Irei a Évora para reencontrar
A perdida harmonia.

Manuel Alegre

Para falarmos nem que seja de uma certa Évora, nada melhor do que vir a Évora. E vir a Évora não significa ficarmo-nos pelos seus lugares-comuns, não significa reduzir horizontes ou estreitar limites, antes pelo contrário. Significa conhecer-lhe todas as potencialidades, inclusivamente as que outros descobriram e acrescentaram com a sua leitura, com a sua opinião e, por vezes, até marcando indelevelmente a cidade com a sua presença. Évora pode ser sempre um ponto de chegada, mas será sempre mais benéfico para quem percorra um caminho a explorar aquele que fizer de Évora um ponto de partida. Porque em Évora é forte a identidade da cidade, porque a memória é um valor que se leva em grande conta, Évora tem todo um “caldo” para engrandecer quem lhe acrescentar futuro.

E termino. «Como um cofre do tempo, a cidade ignora a exatidão do presente, conhece apenas o alarme da memória» afirmava Vergílio Ferreira na sua Carta ao Futuro. Resta saber, e deixo-vos a questão, em jeito de conclusão, que memória ou memórias acionam alarmes? É que cumpre aos homens da Évora de hoje cuidar dessa memória, com justeza e justiça, para que o futuro possa corresponder à glória que lhe encontraram e encontrámos nas narrativas do passado.